

LUTAS POLÍTICAS, O COLABORATIVISMO DO CINEMA FEITO EM PERNAMBUCO E O SURGIMENTO DO COLETIVO MULHERES NO AUDIOVISUAL PE: UMA ANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Yanara Galvão¹

Resumo: Este artigo busca apresentar uma breve contextualização histórica do cinema realizado em Pernambuco com ênfase na formação e trabalho colaborativo dos grupos de cinema para em seguida focar no audiovisual contemporâneo do Estado e investigar a relação entre política e estética a partir da experiência do coletivo Mulheres no Audiovisual PE – MAPE. Com base em pesquisas sobre cinema de Pernambuco de Alexandre Figueirôa (2000), Amanda Nogueira (2014) e Ângela Prysthon (2010), trabalharemos sob a perspectiva (estética e política) abordada pelo filósofo Jaques Ranciére (2005, 2010), desejamos explicitar os modos de se fazer cinema, da produção audiovisual contemporânea que estão em diálogo com os acontecimentos sociopolíticos e culturais da sua época, para então apontar o surgimento de um movimento voltado para as causas feministas do cinema.

Palavras-chave: cinema contemporâneo; estética; política; feminismo.

Introdução

O cinema feito em Pernambuco² - mais precisamente em Recife -, ganhou notoriedade nacional e internacional a partir do século XXI. As articulações internas e colaborativas entre os realizadores, movidas pelas afinidades, laços afetivos e lutas políticas originaram de forma recorrente grupos de produção no cinema em Pernambuco desde a década de 1920. De acordo com o pesquisador Alexandre Figueirôa a força do cinema enquanto arte coletiva no estado é motivo de destaque no estado. No entanto, a estreita relação e o apoio mútuo dos realizadores (cineastas, atores e técnicos), não interfere numa produção autoral heterogênea e tem se revelado enquanto estratégia na superação das dificuldades que são comuns ao cinema brasileiro (FIGUEIRÔA, 2015). O chamado “Ciclo do Recife” aconteceu de 1923 a 1931 e destacou-se entre os ciclos regionais do cinema silencioso brasileiro. O esforço coletivo de cerca de 30

¹ Mestranda do Programa Interdisciplinar em Cinema e Narrativas Sociais, da Universidade Federal de Sergipe (PPGCINE/ UFS). yanaragalvao@gmail.com

² A reivindicação pelo não uso do termo “cinema pernambucano” em prol da afirmação de que o cinema “feito em Pernambuco” é o cinema brasileiro – o que se opõe ao regionalismo de outras épocas – parte de uma maioria de cineastas contemporâneos em atividade no Estado.

profissionais (entre eles nomes como Edson Chagas, Gentil Roiz e Jota Soares) contribuiu para sua relevância histórica e produção de treze longas metragens (FIGUEIRÔA, 1994). Após o Ciclo do Recife, o cinema em Pernambuco passa por um hiato com esparsas produções cinematográficas. A partir da década de 1950, haverá uma movimentação dinâmica e coletiva com as sessões, realização de mostras e festivais que acontecem nos ambientes dos cineclubes e que são propulsores de uma formação cinéfila que influenciará em uma produção futura. Como descreve a pesquisadora Amanda Nogueira:

Mesmo durante o período de escassa produção fílmica no Estado, entre o fim do ciclo do Recife e o início do ciclo Super 8 (de 1931 a 1970), a dinâmica de formação de grupos em torno do cinema pernambucano não cessou. Poucas foram as imagens, entretanto, muitas foram as discussões em manifestações ligadas ao cinema, desde os cineclubes e círculos de estudos, à crítica cinematográfica até a produção de cinejornais. (NOGUEIRA, 2014)

A partir da década de 1970 Pernambuco volta a se projetar na cena do cinema local e mesmo nacional (mostras e festivais) com uma “movimentação”³ de vanguarda do grupo que começou a produzir com a bitola Super 8 curtas, médias e longas metragens do gênero documentários e experimentais. Nomes como Fernando Spencer, Firmo Neto, Geneton Moraes Neto, Jomard Muniz de Brito, Kátia Mesel⁴ e Paulo Cunha – que prosseguiram de forma promissora com suas atividades no cinema e no campo acadêmico e cultural – fizeram parte da geração superoitista em Pernambuco cuja produção ultrapassou 200 filmes (FIGUEIRÔA, 1994). Nas próximas décadas de 1980 e 1990 a “movimentação” cinematográfica tem continuidade em Pernambuco e influenciará no cinema da “retomada” nos anos 1990 e nas gerações que virão a seguir. Nesse percurso existiu um grupo, *Van Retrô*, de passagem efêmera pela cena do cinema, porém de forte relevância por ter sido constituído por uma geração que participará do novo ciclo da produção cinematográfica do Recife. Formado em 1985, o nome do grupo é uma contração do termo Vanguarda Retrógrada. “Essa dicotomia entre a modernidade/tradição, passado/presente que já se observa já no nome do grupo, vai acompanhar a

³ “Movimentação” foi um termo de preferência dos superoitistas Geneton Moraes Neto e Jomard Muniz de Brito para definir a mobilização cinematográfica que ocorreu do Super Oito em Pernambuco, com respaldo do pesquisador Alexandre Figueirôa. Assim como no Ciclo do Recife, Figueirôa não considera que a produção superoitista possa ser enquadrada como movimento cinematográfico *stricto sensu* (FIGUEIRÔA, 1994, p.175).

⁴ Primeira cineasta pernambucana.

produção posterior dos cineastas”, (NOGUEIRA, 2014). O grupo (com nomes de cineastas e técnicos que vieram a se projetar, posteriormente, no cenário local e nacional do cinema), foi formado por 10 estudantes na época, a maioria de Comunicação, da Universidade Federal de Pernambuco. Foram eles, Lírio Ferreira, Adelina Pontual, Valéria Ferro, Cláudia Silveira, Patricia Luna, Andréa Paula, Samuel Paiva, Cláudio Assis, Solange Rocha e André Machado. Um número expressivo de mulheres foi um dado relevante mesmo que no grupo apenas Adelina Pontual assumiu a posição de diretora. A década de 1990 foi emblemática para o cinema de Pernambuco com repercussão nos anos que se seguiram, em uma nova e heterogênea geração de cineastas no estado, apesar desta produção estar concentrada em Recife. A cena musical do *manguebeat*⁵ repercutiu também no cinema que vão compor as trilhas das principais produções em curtas metragens da época incluindo o longa – metragem *Baile Perfumado*, dirigido por Lírio Ferreira e Paulo Caldas que se projetou nacionalmente, sendo esse momento reconhecido como a “retomada do cinema pernambucano”. Como reflete Ângela Prysthon:

A década de 90 significou, portanto, a inserção mais enfática do cinema de Pernambuco no *mainstream* cinematográfico brasileiro, sobretudo a partir do filme *Baile perfumado* (Paulo Caldas e Lírio Ferreira, 1996), primeiro longa-metragem produzido no estado desde a década de 70, desde *O palavrão* (Cleto Mergulhão, 1972). *Baile Perfumado* marcou em Pernambuco o que se chamou de “Cinema da retomada”, ou seja, a reconstrução da produção cinematográfica brasileira depois do período de enormes dificuldades entre o final dos 80 e início dos 90. Além de restabelecer a indústria do cinema, a “retomada” também significou o reconhecimento da produção de outras regiões que não o Sudeste, os filmes que vinham de fora do “eixo Rio-São Paulo”. Essa emergência de uma filmografia periférica estava associada também a uma afirmação regionalista, mais evidente até na música popular, como no caso do *manguebeat*. (PRYSTHON, 2010)

Será neste contexto de uma cultura cinematográfica em que as articulações entre os realizadores foram de grande relevância para a qualidade e projeção das produções realizadas no Estado, que outros grupos e coletivos audiovisuais irão surgir e influenciarão diretamente tanto na produção cinematográfica do estado como na

⁵ *Mangue beat* ou *manguebit* desenvolveu-se em Recife, Pernambuco, a partir de 1991, e consistiu em uma “cena cultural”, especialmente de corte musical, que misturava elementos da cultura regional de Pernambuco, como o maracatu rural, com a cultura pop, sobretudo o rock’n roll e hip – hop que influenciou direta ou indiretamente em outras linguagens artísticas como o cinema e a literatura.

consolidação das políticas públicas de incentivo⁶ para o setor. Neste contexto a ABD – Apeci (Associação Brasileira de Documentaristas e Curtametragistas de Pernambuco/Associação Pernambucana de Cineastas) e os cineclubes serão espaços importantes de reunião, debates sobre as estéticas cinematográficas e discussões políticas. Na fase iniciada a partir da década de 2000, novos grupos se formaram também movidos pelas afetividades e com ideias em comum mesmo que com independência autoral. O barateamento e aperfeiçoamento das tecnologias digitais, contribuíram para as possibilidades de uma produção mais urgente e com menos recursos, alguns com mais ou menos características de coletivos, que de acordo com definição de Claudia Paim são:

Grupos de artistas que atuam de forma conjunta. Não hierárquicos, com criação coletiva de proposições artísticas ou não. Buscam realizar seus projetos pela união de esforços e compartilhamento de decisões. São flexíveis e ágeis e com capacidade de improvisação frente a desafios. Desburocratizados respondem com presteza às pressões que encontram. Desenvolvem ação e colaboração criativa. Apresentam rarefação da noção de autoria e uma relação dialética entre indivíduo e coletividade. Buscam atuar fora dos espaços de arte pré-existentes no circuito (tais como museus, centros culturais e galerias comerciais) aos quais questionam. Promovem situações de confluência entre reflexão e produção artística e questionamentos sobre o papel do artista. (PAIM, Claudia, 2005)

Com as características inseridas no conceito desenvolvido por Paim, surgiu o *Telephone Colorido*, coletivo que dialogou com o experimentalismo das artes visuais e com uma proposta estética atrelada à política que tiveram forte repercussão na cena audiovisual do estado. O grupo foi formado por artistas visuais provenientes de um outro coletivo de produção audiovisual *Moluscos Lamas*, “que funcionou como uma comunidade de afinidade de artistas multimídias, no final da década de 1990” (JÚNIOR, 2016). Ainda sobre o *Coletivo Telephone Colorido* e sua proposta estética, o pesquisador Ricardo César Júnior Júnior, destaca:

⁶ Com a promulgação da Lei 15.307, Pernambuco tornou-se o único estado do país a assegurar, por meio de lei, um percentual mínimo de recursos a serem repassados para a cadeia produtiva do audiovisual: R\$ 11,5 milhões para o setor audiovisual, além da criação do Conselho Consultivo do Audiovisual de Pernambuco. Para saber mais sobre o Funcultura e o Edital do Funcultura. (Disponível em: http://www.fundarpe.pe.gov.br/fomento_funcultura_destaque.php)

Embalados pela autonomia subjetiva, os membros do Telephone Colorido desempenharam, em meio à marginalidade audiovisual pernambucana, um papel significativo. O panorama dessa produção fílmica é plural: da videoarte a videoclipes com bandas locais, do documentário com grupos indígenas do Estado à cobertura de eventos de artes plásticas contemporâneas, da ficção rapsódica à videoperformance. Mas, apesar deste caráter multifacetado, há uma linha em tensão entre a política e a estética recorrente nas realizações do coletivo, seja pela posição desencanada em trabalhar com equipamentos de baixo orçamento e tirar proveito disso, seja pela postura crítica-criativa de tocar em temas tabus e questionar assuntos interditados. (JÚNIOR, 2016)

Ainda no decorrer da primeira década de 2000 uma geração de cineastas que despontou no cenário cinematográfico nacional com uma inovação na linguagem audiovisual formaram 02 grupos de produção (assim se autodenominaram). Amizade e afinidades ideológicas contribuíram para suas junções, entretanto sem intervir diretamente nos seus processos heterogêneos de criação, tendo em comum uma preocupação estética e política ao abordar questões da sociedade contemporânea. Foram eles a Trincheira Filmes (Leonardo Lacca, Marcelo Lordelo, Nara Normande) e Símio Filmes (Daniel Bandeira, Gabriel Mascaro, Marcelo Pedroso). No caso da Símio Filmes sua formação se deu de maneira muito semelhante aos coletivos atuais. A pesquisadora Amanda Nogueira, descreve este momento de criação a partir dos depoimentos dos integrantes do grupo que demonstra um caráter de atuação política do grupo:

No início do século XXI novamente no curso de Comunicação Social da! Universidade Federal de Pernambuco, entre o período de recorrentes greves na Universidade e articulado movimento estudantil, houve a fundação do Cineclube Barravento, no Centro de Artes. A proposta do cineclube era trazer os alunos para assistir/discutir filmes e “ocupar” um campus universitário desértico no período. Foi nesse contexto que foi formada a Símio Filmes. Fundada em 2001, por Daniel Bandeira e seus companheiros do Diretório Acadêmico. (NOGUEIRA, 2014.)

Quanto a inovação da linguagem, Ângela Prysthon cita características que diferenciam este novo ciclo do cinema feito em Pernambuco quanto a proposta estética do grupo Trincheira Filmes e Símio Filmes que:

Tenta, ainda que não deixando de apresentar características e temas regionais, romper com o regionalismo da geração anterior, afastando-se do “sertão”, abandonando as conexões com o manguebeat e evitando o road movie (que de certa maneira predominaram nas produções dos anos 90 e da primeira metade dos 2000). Nos filmes deste grupo predominam os documentários e mesmo nas incursões ficcionais há uma inclinação realista. (PRYSTHON, 2010)

O Surto e Deslumbramento é mais um coletivo audiovisual de Pernambuco com significativa atuação e que repete a fórmula e sua formação a partir de laços afetivos com proposta de um trabalho colaborativo. Seus trabalhos estão atrelados a uma crítica em tom de “deboche” aos cinemas hegemônicos e heteronormativos em diálogo com a estética e teoria *queer*⁷ do cinema. A melhor definição para o grupo virá deles mesmo:

Surto e deslumbramento é um coletivo. Coletivo é um ajuntamento de pessoas que se une de modo a atingir um fim comum. Nesse caso, o fim é fazer filmes que reflitam a sensibilidade estética e política dos seus integrantes. Temos, assim, filmes de bichas conversando. Bichas dançando. Bichas cantando. Bichas se agarrando. Bichas refletindo. E bichas sendo simplesmente bichas. (Texto da vinheta intitulada “O que é Surto e Deslumbramento?”)⁸

O grupo se conheceu durante o mestrado no PPGCOM/ UFPE⁹ e passaram a se reunir mais ativamente nas sessões do cineclube Dissenso fundado por um dos seus integrantes, Rodrigo Almeida e cuja proposta foi ampliar a discussão em torno das estéticas do cinema. O Surto e Deslumbramento se caracteriza com produções de temática gay com o deboche e a paródia como recursos de expressão e se auto intitulam como “cinema de frangagem”¹⁰ Sobre o coletivo, Alexandre Figueirôa reflete que:

(...) o grupo, em seus primeiros trabalhos audiovisuais, vem quebrando padrões estéticos e de conteúdo caros à produção pernambucana e questionando os procedimentos usuais de realização e difusão. Irreverência, olhar crítico, desmitificação, ironia e muita pinta são as tintas preferidas dos quatro rapazes, autores, entre outros, de

⁷ “(...) representantes da teoria *gay* e lésbica reapropriaram –se do termo *queer* (“bicha”), antes pejorativo, e transformaram-no em um termo positivo e em uma afirmação “orgulhosa e definitiva” da diferença.” (STAM, 2003. p.289)

⁸ Vinheta “O que é Surto e Deslumbramento” - <https://www.youtube.com/watch?v=PR9jlChDFjg>

⁹ Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, em Recife.

¹⁰ Frangagem vem de “frango” que em Pernambuco é usada como uma expressão popular para gay

Mama, Estudo em Vermelho, Canção de Outono e Casa Forte, filmes que estão chamando a atenção dos internautas e dos espectadores dos festivais onde eles tem sido exibidos.

[...]

Para o grupo, por exemplo, ao se falar de referências e influências imagéticas não faz mais sentido separar cinema, televisão e internet. Entre eles há o consenso de que tais referências de uma maneira geral são muito diluídas, vindo de *gifts*, clipes, games, vídeos do You Tube, etc.. Eles observam que ainda há uma resistência muito grande de reconhecer isso enquanto uma possibilidade de inspiração. (FIGUEIRÔA, 2015)

Além da expressividade de uma produção oriunda de grupos de cinema/ audiovisual, o início da segunda década de 2000 é marcado por acontecimentos políticos locais e nacionais que vão impulsionar um cinema de militância que irá ganhar destaque para além do cenário local com produções audiovisuais a partir de acontecimentos contemporâneos, com suas propostas estéticas diretamente relacionadas à política e aos fatos ocorridos em contexto específico. Assim surgiu, em 2014, a *Brigada Audiovisual Ocupe Estelita*, liderada pelos cineastas Ernesto de Carvalho, Marcelo Pedroso e Pedro Severien, com uma produção que chamaram de “vídeos de urgência” e “vídeos de combate” vinculados aos movimentos da sociedade civil contra a especulação imobiliária, especificamente a tomada ilegal por empreiteiras do Cais José Estelita – patrimônio público da cidade - para construção do projeto “Novo Recife”¹¹. Um ano após a criação da *Brigada Audiovisual Ocupe Estelita* ainda neste cenário de lutas políticas e de avanços do conservadorismo também que é criado a frente Mulheres no Audiovisual – objeto deste trabalho – o qual vem constituir-se como o coletivo, *Mulheres do Audiovisual PE – MAPE*.

Mulheres do Audiovisual de Pernambuco - MAPE

O MAPE surge meses após a criação de outro coletivo denominado *Quebrando Vidraças – Desconstruindo o Machismo no Audiovisual PE*¹², que teve sua origem a

¹¹ O consórcio “Novo Recife” formado pelas empresas Ara Empreendimentos, GL Empreendimentos, Moura Dubeux Engenharia e Queiroz Galvão. Em 2008, o Consórcio adquiriu, através de leilão público, parte da área dos antigos armazéns do Cais José Estelita, na região central do Recife, que pertencia ao espólio da Rede Ferroviária Federal (<http://www.novorecife.com.br/o-consorcio>). Organizações da sociedade civil em defesa dos direitos urbanos reivindicaram aprovação e mesmo ilegalidade de um leilão em área tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). <https://direitosurbanos.wordpress.com/2013/09/23/nota-coletiva-de-associaoes-coletivos-e-entidades-do-recife-sobre-o-projeto-novo-recife/>

¹² No dia 29/08/15, um episódio lamentável aconteceu durante a exibição/lançamento do filme “Que horas ela volta?”, de Anna Muylaert. Os cineastas Lirio Ferreira e Cláudio Assim - ambos pernambucanos - se

partir de acontecimentos polêmicos que envolveram reações e atitudes machistas de cineastas pernambucanos.

O *Quebrando Vidraças* agregou mulheres de coletivos e outras associações tanto do cinema/audiovisual quanto de outras linguagens que se (re) uniram contra o machismo estrutural “naturalizado” e que trouxeram à tona mais ocorrências, desabafos de profissionais, dentro e fora dos bastidores do cinema realizado em Pernambuco. Em 2016 o coletivo participou da organização da roda de diálogos e lançamento do Circuito Cineclubista de Realizadoras de Pernambuco¹³, em parceria com a Federação Pernambucana de Cineclubes (Fepec).

Apesar do MAPE ter se constituído por uma parte das profissionais que integraram o coletivo *Quebrando Vidraças*, nem todas as profissionais do cinema/audiovisual se posicionaram a favor (ou não) do coletivo como, também, seu objetivo foi para além da discussão de acontecimentos locais, no intuito de acompanhar a pauta política nacional, dos avanços conservadores, sendo composto por um grupo de mulheres, profissionais do setor do audiovisual de Pernambuco, a sua maioria situada na região metropolitana do Recife. O MAPE foi criado às vésperas da tomada de poder, de forma antidemocrática, do governo da Presidenta Dilma Roussef e foi formado exclusivamente por mulheres profissionais e estudantes do cinema e audiovisual em Pernambuco. Seu objetivo está voltado para a produção audiovisual com conteúdos que pautam as lutas feministas contemporâneas com uma preocupação de - além de lutar

comportaram de maneira desrespeitosa e claramente machista, durante o debate promovido pela Fundaj – Fundação Joaquim Nabuco (onde ocorreu a exibição) entre a diretora do filme e o público, atrapalhando as respostas da mesma. O ocorrido é sintomático de uma questão que impacta todas as relações profissionais no audiovisual: a dificuldade dos profissionais homens de reconhecer e respeitar o papel de protagonismo das mulheres na produção de cinema. O caso teve como desfecho a punição aplicada pela Fundaj aos cineastas – impedidos de participar de ações da instituição – e a seus filmes que deixarão de ser exibidos durante um ano nos espaços da Fundaj. O ocorrido também serviu como catalisador de debates, principalmente na internet, e levou várias mulheres a se organizarem para colocar o assunto do machismo no audiovisual em pauta. Nosso grupo é fruto disso. Hoje somos pouco mais de 40 mulheres, que se encontra presencialmente pelo menos duas vezes ao mês e mantém contato diário, (principalmente por email). Nosso objetivo é realizar várias ações e a roda de diálogo “Quebrando vidraças: desconstruindo o machismo no audiovisual pernambucano” foi a primeira delas. Ações do grupo “Quebrando vidraças” foram até agora 3: performance na abertura do Janela Internacional de Cinema (coletivo Cabelação-PE), roda diálogo sobre machismo x audiovisual – MAMAM e exibição + rodada diálogo “Que horas ela volta?” – FUNDAJ (COLETIVO QUEBRANDO VIDRAÇAS, 2015)

¹³ A representação da mulher na tela grande do cinema é assunto extensamente debatido por movimentos feministas, setores da academia e no meio do audiovisual. Nesse cenário, cada vez mais tem se pensado, debatido e refletido sobre os papéis das mulheres por trás das câmeras. Pensando nisso e como mais uma iniciativa para reunir mulheres envolvidas na cadeia produtiva do audiovisual pernambucano, a Federação Pernambucana de Cineclubes (Fepec) iniciou o Circuito Cineclubista de Realizadoras de Pernambuco com o debate Cinema por elas. A roda de diálogo aconteceu na última terça-feira (22), no Centro de Cultura Luiz Freire, e reuniu cerca de 20 pessoas, a maioria mulheres, para conhecer e partilhar das experiências de realizadoras pernambucanas que estão pensando e atuando na valorização na mulher no cinema (...). (<http://cclf.org.br/noticias/cinema-por-elas-lugar-da-mulher-no-cinema-e-onde-ela-quiser/>)

contra a mídia hegemônica produzindo a “contrainformação” - dar visibilidade às diversas vozes femininas, incluindo “mulheres periféricas, negras, jovens, idosas, lésbicas e afeminadas”. Na criação do MAPE também é lançada a carta manifesto intitulada como “Frente Mulheres no Audiovisual” afirmando o posicionamento de luta das mulheres envolvidas:

Carta Manifesto “Mulheres no Audiovisual” O momento político-social brasileiro exige engajamento e luta. Não apenas pelo Golpe que sofremos, mas sobretudo pelo crescimento do fascismo em esferas diversas. A luta das Mulheres não é de hoje, nem é de ontem. Mas é indiscutível que diante do Golpe político, machista, elitista, racista e fascista, a luta se acirra. E precisa se acirrar. Repensar nossos lugares, ocupar nossos lugares, dizer “aqui estamos”, “não somos invisíveis”, “respeitem nossos corpos, nossas vozes, nossas lideranças” faz-se cada vez mais urgente. Porque a igualdade ainda é um caminho a ser percorrido, buscado e – oxalá! – alcançado. Chegou a hora de levantar as barricadas, preparar nossas bandeiras e usar nossas armas. Todos os espaços devem se engajar nesse processo e por isso nasce a Frente “Mulheres no Audiovisual”. Porque entendemos a força dessa linguagem e, mais do que isso, entendemos que essa luta também é nossa, como profissionais do audiovisual, abrindo e rasgando o machismo imenso que nos ronda, e como mulheres, sentindo e vivendo na pele diariamente o que nos oprime. Juntamo-nos, portanto, ao grito das ruas, àquelas que estão nessa luta há muito mais tempo, às jovens, negras, periféricas, idosas, lésbicas, mulheres e afeminadas, acreditando em nossos corpos, olhares e gritos como possibilidade de uma nova política. Acreditando cada vez mais que a revolução será feminista! (Este manifesto encontra-se na página do coletivo no Facebook)¹⁴

No decorrer da contextualização histórica da formação de grupos e coletivos no cinema em Pernambuco desta pesquisa, foi notória a ausência de um protagonismo feminino nos registros de uma maioria de autores/as da história do cinema em Pernambuco. Como já citado, o único grupo que encontramos constituído por uma maioria (06 x 04) de mulheres foi o *Vanretrô*, nos anos de 1980. Natália Wanderley, em sua pesquisa de mestrado¹⁵ no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/ UFPE, 2016), ressalta que:

¹⁴ <https://www.facebook.com/pg/mulheresnoaudiovisualpe/about/>

¹⁵ *O que porra é cinema de mulher? A Mostra Cinema de Mulher e o desvelar do machismo no audiovisual pernambucano* (PPGCOM UFPE, 2016)

Ao tratar do cinema produzido em Pernambuco, pouco se sabe de pesquisas, eventos ou mesmo filmes que tenham se articulado em torno de uma proposta estético-política de Cinema de Mulheres, muito embora o estado tenha sido um dos pioneiros no campo cinematográfico nacional. Nele também atua uma das primeiras diretoras de cinema no Brasil: a pernambucana Kátia Mesel. Além disso, é sabido que o movimento feminista também veio sendo construído localmente desde o final dos anos 1970 através principalmente do grupo Ação Mulher¹⁶. (WANDERLEY, 2016)

Associamos a experiência estética e política do MAPE ao conceito desta relação desenvolvido pelo filósofo Jaques Rancière. Na sua concepção da partilha do sensível enquanto comum partilhado. Desta relação da arte – aqui o audiovisual – com a política que não é a “luta pelo poder”, e que se constitui enquanto “partilha de uma esfera particular de experiência, de objetos colocados como comuns e originários de uma decisão comum, de sujeitos reconhecidos como capazes de designar esses objetos e argumentar a respeito deles.” (RANCIÈRE, 2010). Inicialmente foram realizados seis curtas metragens¹⁷ do gênero documentário. Produções de baixíssimos orçamentos realizadas por profissionais e estudantes do audiovisual de Pernambuco que guardam diferenças entre si, mas com características em comum quanto proposta política, com caráter de “vídeos urgentes”, “cinema militante”. Documentários que utilizam-se do tom ensaístico, memorialístico e do experimentação da linguagem.

Estética e política em Corpos políticos

¹⁶ Natália Lopes cita na sua dissertação que o grupo Ação Mulher foi precursor de algumas das principais ONGs feministas em atuação no estado hoje, como a própria SOS Corpo e também a Casa da Mulher do Nordeste.

¹⁷ Os filmes:

Ministério das Mulheres

Streaming: <https://www.youtube.com/watch?v=Y2ZvrGF3cn4>

Manifesto Mulheres contra a cultura do estupro

Streaming: <https://www.youtube.com/watch?v=kIlx38HmV5g&feature=youtu.be>

Dona Izete

Streaming: <https://www.facebook.com/mulheresnoaudiovisualpe/videos/305505369781196/>

Reflexo

Streaming: <https://www.facebook.com/mulheresnoaudiovisualpe/videos/307849859546747/>

Mandala num compasso diferente

Streaming: <https://www.youtube.com/watch?v=vXU3g7hHBk4>

Corpos Políticos

Streaming: <https://www.facebook.com/mulheresnoaudiovisualpe/videos/309505116047888/>

“A mídia brasileira abre espaço e faz ecoar velhos discursos fascistas, machistas e retrógrados, enquanto nas ruas um outro grito se faz urgente. Nós somos a nova política. Um corpo-político pulsante! Feminismo é revolução!”¹⁸ O texto citado é a sinopse de uma das produções do coletivo, *Corpos Políticos*, que aqui tomaremos como referência pelo tema impulsionador da criação do MAPE e cuja estética reflete a proposta política deste coletivo. Um curta metragem de cinco minutos de baixíssimo orçamento, seguindo a conceito das demais produções do coletivo. De realização coletiva, pela profissionais e estudantes do audiovisual, os registros foram captados durante a Marcha das Vadias¹⁹, cujos conteúdos foram imagens em movimento das reivindicações das lutas e direitos das mulheres relacionados a autonomia e liberdade “dos corpos” seja contra a cultura do estupro, pela legalização do aborto, seja contra a homofobia e/ ou direito a voz e liberdade de expressão, o estado laico, no cenário da política patriarcal brasileira. Cenas externas, gravadas ao vivo são alternadas com imagens de arquivos de canais abertos da televisão brasileira onde aparecem homens ricos e brancos, políticos que não escondem seu machismo e auto denunciam o cenário de extrema direita conservadora no país (Feliciano, Bolsonaro, Eduardo Cunha).

Corpos Políticos, reflete como a arte tem sido inscrita com o corpo nos espaços percorridos pelas mulheres. O cinema é um desses espaços, com filmes feitos por mulheres em busca de uma autorrepresentação²⁰ em contraponto o cinema de dominância masculina que enquanto mulheres não nos reconhecemos e onde o comum é são imagens estereotipadas e fetichizadas de acordo com o sistema patriarcal vigente que tende para uma objetificação e/ou erotização feminina.

Algumas considerações

¹⁸ Sinopse do curta produzido pelo MAPE *Corpos Políticos* pode ser assistido na página do coletivo <http://www.facebook.com/mulheresnoaudiovisualpe/videos/309505116047888/> no Facebook:

¹⁹“Se ser vadia é ser livre, somos todas vadias”. Página da Marcha das vadias: <http://marchadasvadiasrecife.tumblr.com/>

²⁰ (...) têm como objetivo permitir e estimular a elaboração de representações de si pelos próprios sujeitos da experiência, aqueles que eram – e são ainda – os objetos clássicos dos documentários convencionais, indivíduos de um modo geral apartados (por sua situação social) dos meios de produção e difusão de imagens. (LINS, 2009, p.23)

Para além da produção de curtas metragens, documentários e experimentais, o MAPE, ocupou espaços de poder com voz ativa expandindo o debate e promovendo a difusão do cinema autoral feminista, de caráter urgente. Outro aspecto relevante do MAPE, foi a preocupação com a difusão dos vídeos produzidos que entraram nos circuitos alternativos de cinema desde cineclubes, às ocupações (Ministério da Cultura, Movimento Ocupe Cine Olinda, escolas, universidades) e festivais.

Importante ressaltar que este trabalho não visa - nesta fase – uma investigação mais abrangente do cinema feminista, realizado por mulheres, em Pernambuco. Também não priorizamos uma análise fílmica de cada filme “urgente” produzido pelo coletivo, mas nas suas características em comum enquanto proposta estética e política com destaque para o documentário *Corpos Políticos*. Neste primeiro momento buscamos realizar uma breve contextualização histórica do cinema feito em Pernambuco, com referência em um trabalho cujo colaborativismo e relações afetivas, de grupos e coletivos com propostas estéticas e políticas heterogêneas que se destacam no cenário do audiovisual independente no Brasil e mesmo internacionalmente. A partir de então que pretendemos chegar a uma análise que consideramos ainda inicial até pelo pouco tempo de surgimento do MAPE (em maio de 2016), mas que já considerável diante de sua articulação, a mobilização e relevância no cenário audiovisual do Estado e ganhando visibilidade nacional.

Referências bibliográficas

DE MELO, Cristina Teixeira Vieira. **Desafios éticos e políticos no vídeo Vida Estelita, subjetividades políticas em devir**. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, n. 32, 2016.

FIGUEIRÔA, Alexandre. **Cinema Pernambucano: uma história em ciclos**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000.

_____. **O cinema super 8 em Pernambuco: do lazer doméstico à resistência cultural**. Recife. FUNDARPE, 1994.

_____. **Coletivo Surto e Deslumbramento:** forçando os limites. Revista o Grito, Holofotes, PE. Edição 1, 2015. <http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/holofotes/coletivo-deslumbramento/>

JÚNIOR, Ricardo César Campos Maia. **O discurso audiovisual outsider em Resgate Cultural.** DEVIRES-Cinema e Humanidades, v. 8, n. 2, p. 70-93, 2016.

LINS, Consuelo. Mesquita, Cláudia. **Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MULVEY, Laura. **Prazer visual e cinema narrativo.** In: XAVIER, Ismail. A experiência do cinema. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

NAGIB, Lucia. Além da diferença: A Mulher no Cinema da Retomada. In: DEVIRES, BELO HORIZONTE, V. 9, N. 1, P. 14-29, JAN/JUN 2012.

NOGUEIRA, Amanda Mansur Custódio. **A brodagem no cinema em Pernambuco.** Tese de Doutorado em Comunicação (UFPE), Recife, 2014.

PAIM, Claudia. **Práticas coletivas de artistas na américa latina contemporânea,** 2005. Disponível em: <http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/ilassa/2007/paim.pdf>

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível: estética e política.** São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. **A estética como política.** In: Devires, Belo Horizonte, V. 7, N. 2, p. 14-36, jul-dez 2010.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema.** Campinas: Papirus, 2003.

WANDERLEY, Natália Lopes. **O que porra é cinema de mulher? A Mostra Cinema de Mulher e o desvelar do machismo no audiovisual pernambucano.** Dissertação de Mestrado em Comunicação (UFPE), Recife, 2016.